

# Palavra de abertura

É uma satisfação muito grande, na condição de diretora científica da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, estar abrindo uma jornada de três dias sobre *Os destinos do traumático na contemporaneidade*.

Sabemos que o nascimento da psicanálise está diretamente ligado ao traumático. Do início ao fim da obra freudiana, a noção de trauma acompanha os desenvolvimentos teóricos, sofrendo modificações e se tornando mais complexa.

Ao estudar as neuroses, os destinos do traumático se apresentavam através de sintomas neuróticos (angústia, conversões, obsessões e compulsões). Em suas teorizações iniciais, Freud concebe um psiquismo que conta com representações e, portanto, a capacidade simbólica se mantém preservada, apesar dos sintomas.

Em 1920, Freud dá-se conta da existência de traumas que não conseguem ser ligados pelo psiquismo, deixando o sujeito submetido à repetição do além do princípio do prazer. Sendo assim, os destinos são outros. Ao invés de sintomas neuróticos, temos uma pulsão que, em busca de ligação, só consegue repetir o mesmo, não existindo transformação do traumático. Ele se repete na forma bruta de uma pulsão que não sofreu retranscrições. Torna-se necessário um outro que auxilie na ligação e transformação da pulsão para que ela possa encontrar um destino mais saudável, o destino da simbolização.

Em 1926, com *Inibições, sintomas e ansiedade*, o trauma passa a ser visto como constitutivo do ser humano. Diversos perigos são capazes de precipitar uma situação traumática, a começar pelo próprio nascimento (desamparo original), que constitui, para Freud, a primeira fonte de ansiedade. Do desamparo biológico inicial avançamos para o desamparo mental, psíquico, relacionado a nossa intensa ligação com a figura materna.

Freud argumenta que o desenvolvimento do psiquismo depende do cuidado materno. Contudo, foi a psicanálise pós-Freud que se dedicou a estudar de que forma esse cuidado precisa acontecer e como o ambiente pode favorecer tal desenvolvimento, seja amenizando o desamparo original, seja dificultando a ligação dos estímulos, reeditando assim o desvalimento infantil em que o psiquismo, ainda muito incipiente, não possui condições de metabolizar as intensidades que o invadem.

Vieram Ferenczi, Klein, Winnicott, Bion, Lacan (nossos clássicos) e tantos outros depois deles para pensar a teoria e a clínica, que, sempre juntas, são responsáveis pelo desenvolvimento da psicanálise, fornecendo novos alimentos para sua robustez teórico-clínica.

Marli Bergel

---

A comissão científica, em conjunto com a diretoria, pensou uma jornada que abarque o traumático e seus destinos, levando em conta as muitas transformações ocorridas, em termos de cultura, desde Freud até os tempos de hoje. A cultura atual, com seus excessos, por si só já seria traumática? Que condições temos de metabolizar tamanha intensidade e simbolizá-la? Abordaremos o traumático desde o arcaico até a adolescência e a vida adulta; as transformações que o traumático pode ou não sofrer e como ele se apresenta na clínica; nosso lugar de analistas enquanto favorecedores de simbolização; os destinos do traumático coletivo e como ele é transmitido através das gerações; os destinos que a própria cultura oferece para o traumático através dos avanços nas áreas da medicina e da tecnologia.

Para pensar conosco tais pontos, trazemos Norberto Marucco, Izildinha Baptista Nogueira e Alessandra Lemma, nossos convidados de fora de Porto Alegre e mais tantos outros de nossa casa, membros da SPPA, que desde já agradeço o aceite dos convites realizados.

Como atual diretora científica da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre desejo aos presentes que tenham uma experiência junto conosco muito frutífera, de aprendizagem e troca de conhecimento. A psicanálise também é levada adiante com espaços de encontro como esse.

## Referências

Freud, S. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 95-204). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

**Marli Bergel**

Diretora científica da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre